

Os Núcleos Aplicativos em Paumarí (Família Arawá)
(The Applicative Heads in Paumari (Arawá Family))

Marcia Maria Damaso VIEIRA*
MUSEU NACIONAL (MN)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)

RESUMO

Este trabalho visa a oferecer uma breve descrição das estruturas aplicativos verificadas na língua Paumarí (família Arawá) e a classificar os morfemas envolvidos em tais construções, de acordo com a tipologia de morfemas aplicativos estabelecida por Pylkkänen (2000 e 2002).

PALAVRAS CHAVES

Núcleos Funcionais. Aplicativos. Estrutura Argumental. Línguas Indígenas. Paumarí.

ABSTRACT

In this work, we aim to offer a brief description of the applicative structures observed in the Paumari language (Arawá family) and to classify the applicative morphemes involved in such constructions, according to Pylkkänen's (2000, 2002) typology.

KEYWORDS

Functional Heads. Applicatives. Argument Structure. Indigenous Languages. Paumari Language.

* Sobre a autora ver página 136.

Introdução

Este trabalho visa a: (i) oferecer uma breve descrição das estruturas aplicativas verificadas na língua Paumarí (família Arawá); e, (ii) esboçar uma classificação para os os morfemas aplicativos envolvidos nessas construções, de acordo com a tipologia de Pylkkänen (2000 e 2002).

Os dados aqui apresentados são de fontes secundárias. Foram extraídos de Chapman (1978, 1981) e de Chapman e Derbyshire (1991), que oferecem uma rica exposição dos dados do Paumarí. Ao iniciar um estudo sobre o Paumarí, o nosso objetivo é, então, a partir dos dados observados, levantar problemas teóricos relevantes, com vistas à sua análise posterior à luz de teorias lingüísticas recentes.

O tema escolhido para este trabalho - os morfemas aplicativos - é relevante para a abordagem teórica por nós adotada (a Teoria Gerativa), uma vez que envolve, para a sua investigação, questões como o papel das categorias funcionais na construção dos predicados, a categorização lexical das palavras, classes verbais, variação interlingüística, dentre outras coisas.

Os núcleos aplicativos segundo Pylkkänen (2000, 2002)

Em termos descritivos, podemos dizer que um morfema aplicativo tem a capacidade de mudar a valência de um verbo ao introduzir um argumento na função de objeto na construção em que ocorre.

Ao acrescentar um objeto ou ao promover um sintagma oblíquo ao estatuto de objeto direto, o morfema aplicativo transforma verbos intransitivos em transitivos e verbos transitivos em bitransitivos, conforme ilustram os exemplos a seguir:¹

Kynyarwanda (Bantu)

- 1) Umogóre a- rá- kor- er- a umugabo
mulher 3^asg.- prog.- trabalhar- apl.- asp. homem
‘A mulher está trabalhando (para) o homem’

¹ Abreviações utilizadas no texto: ag. = agentivo; apl. = aplicativo; asp. = aspecto; aux. = auxiliar; caus. = causativo; dems. = demonstrativo; dir. = direcional; erg. = ergativo; fem. = feminino; int. = intransitivo; inter. = interrogativo; masc. = masculino; obj. = objeto; obl. = oblíquo; pas. = passado; pl. = plural; pres. = presente; prog. = progressivo; sg. = singular; su. = sujeito; tran. = transitivo.

Chichewa (Bantu)

- 2) a. Mbidzi zi-napereka msampha kwa nkhwawwe
zebra su-pas.-entregar armadilha para raposa
'As zebras entregaram a armadilha para a raposa'
- b. Mbidzi zi-na-perek-era nkhwawwe msampha
zebra su-pas.-entregar-apl. raposa armadilha
'As zebras entregaram (à) raposa a armadilha'

Kichaga (Bantu)

- 3) a. na-i-lya kelya
su.-prog.-comer comida
'Ele está comendo comida'
- b. na-i-ly-ia mawoko kelya
su.-pas.-comer-apl. mão comida
'Ele está comendo comida (com) as mãos.'

Os objetos aplicativos podem ter os mais diversos papéis semânticos: benefactivo, instrumento, locativo, comitativo, malefactivo, fonte, alvo, etc.

Segundo Pykkänen (2000 e 2002), as construções aplicativos observadas nas línguas naturais parecem apresentar significados semelhantes. Conforme aponta a autora, essa semelhança é, contudo, apenas aparente. Não só o significado, mas também as propriedades sintáticas dessas construções diferem em termos intralingüísticos e interlingüísticos.

A variação apresentada pelos morfemas aplicativos é, de acordo com a autora, reduzida a um parâmetro lexical, conforme veremos a seguir.

A tipologia dos morfemas aplicativos**O papel dos núcleos funcionais**

Ao tratar dos morfemas aplicativos, Pykkänen (2000 e 2002) assume os pressupostos teóricos da Morfologia Distribuída (MARANTZ, 1996; HARLEY e NOYER, 2000; LEMLE, 2005). Segundo tal teoria, a função do léxico da visão tradicional está distribuída por vários componentes da gramática. A Lista 1 ou o "léxico puro", segundo Marantz (1996), só contém elementos relevantes para o sistema computacional. É constituído por traços funcionais (definitude, tempo, aspecto, causa, etc.) e por raízes não especificadas em termos categoriais. Na computação sintática, os traços e as raízes se

combinam através das operações de juntar (*merge*) e de mover (*move*). A estrutura sintática assim derivada é, então, enviada para a Fonologia onde as peças de vocabulário (Lista 2) - os segmentos morfológicos (raízes lexicais, prefixos, sufixos, elementos funcionais) - são inseridos, respeitando as suas propriedades de licenciamento. Depois, a estrutura já com realização fonológica é enviada para a Enciclopédia (Lista 3) onde o significado convencionalizado é negociado. Segundo Lemle (2005, p.8):

a Enciclopédia é, pois, a sede da arbitrariedade saussureana. O ponto em que ocorre a negociação da arbitrariedade saussureana está restrito ao da concatenação da raiz com o primeiro morfema categorizador.

De acordo com esse modelo, as raízes lexicais não especificadas em termos categoriais adquirem a sua categoria na computação sintática, através dos morfemas funcionais com os quais co-ocorrem. Existem núcleos funcionais que atuam como elementos categorizadores. Um verbo, por exemplo, é derivado quando uma raiz lexical se combina com um núcleo funcional do tipo verbinho/*v*-zinho. Um nome é derivado quando a raiz se combina com um *n*-zinho (*little n*) e assim por diante.

Da mesma forma que a categoria das palavras é derivada na configuração sintática, também o são as estruturas argumentais dos predicados. A Morfologia Distribuída assume que os núcleos funcionais também introduzem argumentos. Um *v*-zinho causativo “Causa” licencia um argumento externo, derivando assim um verbo transitivo. Um *v*-zinho como *Become* deriva estruturas inacusativas. Os morfemas aplicativos também são vistos como núcleos funcionais introdutórios de argumentos: os objetos.

Com base em sua observação das estruturas aplicativos de várias línguas, Pylkkänen propõe a existência de uma tipologia de núcleos funcionais aplicativos, conforme veremos a seguir.

Os morfemas aplicativos altos e baixos

Pylkkänen (2000 e 2002) constata que, apesar de as aplicativos das línguas naturais parecerem ter significados semelhantes, elas apresentam propriedades sintáticas distintas. Por exemplo, em línguas como o Inglês, a forma aplicativos não é verificada com verbos inergativos (verbos intransitivos

com argumentos externos). Já em línguas como o Kinyarwanda (Bantu), os morfemas aplicativos não apresentam restrições de ocorrência e podem ser agregados a verbos inergativos, conforme ilustram os dados abaixo em que um objeto, no papel de locativo, pode ser acrescentado à construção inergativa:

Inglês

- 4) * He is sitting (at) the table.

Kinyarwanda

- 5) ábáana b-iica-yé-ho ámééza
crianças elas-sentar-asp.-apl. mesa
'As crianças estão sentadas (n)a mesa'

Tanto o inglês quanto o Kichaga (Bantu) admitem a ocorrência de morfemas aplicativos em estruturas transitivas². Note-se, nos exemplos abaixo, que, em ambas as línguas, o aplicativo licencia um objeto benefactivo:

Inglês

- 6) I baked him a cake.

Kichaga

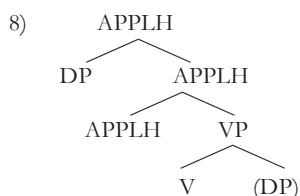
- 7) n-á-í-lyi-í-à in-kà k-élyà
foco-3sg.-pres.-comer-apl. 3sg.-mulher 7-comida
'Ele está comendo comida (para) a mulher dele'
'Ele está comendo comida (para) a mulher dele'

Pylkkänen (2000 e 2002) sugere, contudo, que as construções aplicativos do Inglês e do Kichaga não têm semelhança semântica nem sintática. Em (6), *him* está em uma relação de posse com o objeto direto a *cake*. Em (7), o sintagma “a mulher dele” está em uma relação de benefactivo com o verbo de “comer”, e não em uma relação de posse com o objeto “a comida”.

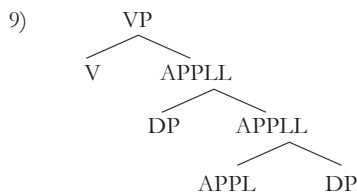
A autora observa ainda que a diferença semântica entre as aplicativos das línguas naturais vem acompanhada de diferenças sintáticas. Assim, ela postula a existência de dois tipos de núcleos aplicativos:

² Em Inglês, o morfema aplicativo é realizado por um morfema abstrato: \emptyset

(i) Aplicativos altos (*High Applicatives*): aqueles que denotam uma relação temática entre um evento e um indivíduo. Como consequência disso, tais núcleos aplicativos se combinam, através da operação de juntar, com um VP como complemento e com um DP como especificador, conforme indica a representação abaixo:



(ii) Aplicativos baixos (*Low Applicatives*): aqueles que denotam uma relação semântica entre dois indivíduos que implica transferência de posse. Dessa maneira, o núcleo aplicativo é inserido abaixo da raiz e toma um DP como complemento e outro DP como especificador, conforme ilustra a representação a seguir:



A diferença entre esses dois tipos de aplicativos pode ser observada no seu comportamento relacionado às propriedades de transitividade:

(i) Restrição de ocorrência: os aplicativos altos podem se combinar com todos os tipos de verbos, já que implicam uma relação entre o objeto aplicativo e o evento. Sendo assim, eles podem se agregar a verbos sem objeto, como os inergativos. Já os aplicativos baixos, como implicam transferência de posse entre dois indivíduos, só são licenciados em configurações transitivas onde há um argumento interno;

(ii) Objetos implícitos: os aplicativos altos podem ocorrer em estruturas com objetos implícitos porque o objeto aplicativo está relacionado

ao evento expresso pelo predicado apenas e não ao objeto direto. Os aplicativos baixos, por sua vez, como modificam o objeto direto, necessitam de sua presença estrutural. Sem um objeto explícito, a construção com o morfema aplicativo torna-se agramatical, conforme ilustra o exemplo do inglês abaixo:

- 10) a. He baked her a cake.
b.* Last night, he baked her.

(iii) O estatuto sintático do objeto: nas construções bitransitivas com aplicativos altos, os dois objetos são sintaticamente ativos. Ambos podem atuar como sujeitos nas estruturas passivas, por exemplo, e podem participar de todos os tipos de processos sintáticos relacionados aos objetos. Nas construções com aplicativos baixos, somente o objeto aplicativo é sintaticamente ativo. Como mostram os exemplos do Inglês em (11), apenas o objeto aplicativo pode ser passivizado:

- 11) a. Alicia was baked a cake.
b.* A cake was baked Alicia.

Antes de descrever as construções aplicativas do Paumarí e de discutir o seu estatuto, faz-se necessário apresentar algumas propriedades sintáticas e morfológicas da língua para que os dados possam ser mais facilmente observados e compreendidos.

Aspectos gramaticais do Paumarí

O Paumarí é uma língua que possui características bem interessantes relacionadas à: ordem oracional, marcação de caso e de concordância, categorização lexical das palavras e mudança de valência verbal. Tais características são descritas a seguir.

Ordem, caso e concordância

A língua Paumarí apresenta sistemas de marcação de caso distintos que se correlacionam com diferentes tipos de ordem oracional e de padrões de concordância verbal.

Quando o sujeito e o objeto são de 3ª pessoa, verifica-se um padrão de marcação de caso ergativo, associado às ordens SVO e VS. O sujeito transitivo vem acompanhado pelo sufixo *-a*³, ocupa posição pré-verbal e engatilha concordância número-pessoal no verbo (prefixo *bi-*⁴). O objeto direto e o sujeito intransitivo ocupam posição pós-verbal, são precedidos por um demonstrativo e desencadeiam concordância de gênero⁵ no sufixo de modo verbal. Os exemplos a seguir ilustram o sistema ergativo exibido em Paumarí⁶:

- | | | | | | |
|-----|----------------------------|--------------------------|-------------|-------------|-------------|
| | S | | V | | O |
| 12) | Koko-a | | bi-gathi-hi | | ida jomahi. |
| | tio-erg. | 3sg.-pegar-modo/fem. | | dems./fem. | cachorro |
| | ‘Titio pegou o cachorro’ | | | | |
| | | | | | |
| | | V | | S | |
| 13) | ∅- asara-há | | | | ada isai |
| | 3ª sg.- chorar -modo/masc. | | | dems./masc. | criança |
| | ‘O menino chorou’ | | | | |
| | | | | | |
| | S | | V | | O |
| 14) | Koko-a | | bi-saka-há | | ada makha |
| | tio-erg. | 3ª sg.-golpear-modo/masc | | dems./masc. | cobra |
| | ‘Titio golpeou a cobra’ | | | | |
| | | | | | |
| | V | | S | | |
| 15) | ∅- abini-hi | | | | ida arakava |
| | 3sg.- morrer-modo/fem. | | | dems./fem. | galinha |
| | ‘A galinha morreu’ | | | | |

Quando o objeto é de 1ª ou 2ª pessoas, observa-se a manifestação de dois padrões distintos de marcação de caso, de ordem e de concordância:

(i) O objeto ocorre com o sufixo *-na*, ocupa posição pré-verbal e não engatilha qualquer tipo de concordância. O sujeito transitivo ocorre em posição pós-verbal, é precedido pelo demonstrativo e engatilha concordância de gênero no sufixo verbal. Nessas estruturas, o sujeito transitivo e o sujeito

³ O sufixo *-a* também marca o caso oblíquo na língua, por exemplo: Sabão-a ‘Com sabão’.

⁴ Os sujeitos transitivos e intransitivos desencadeiam o mesmo tipo de concordância verbal, através do mesmo sistema de prefixos. Porém, quando o sujeito é de 3ª pessoa do singular, se o verbo for transitivo, a forma de concordância é *-bi*. Se o verbo for intransitivo, a marca é *∅*.

⁵ As formas dos sufixos de modo que variam quanto ao gênero, são: (i) *-hi* (fem.) e *-há* (masc.) nas orações afirmativas; (ii) *-já* (fem.) e *-ra* (masc.) nas orações interrogativas ou focalizadas; e (iii) *-ni* (fem.) e *-na* (masc.) nas orações dependentes ou com verbos auxiliares. O sufixo verbal *-ki* não apresenta formas distintas para gênero.

⁶ Todos os dados do Paumarí apresentados no texto foram extraídos de Chapman (1978, 1981) e de Chapman e Derbyshire (1991).

intransitivo apresentam o mesmo comportamento morfológico e sintático, que difere do objeto. Tem-se, assim, um padrão acusativo. A ordem nessas construções é OVS ⁷:

- O V S**
 16) ho-ra kaihamahi-há ada isai
 me-obj. zangado-modo/masc. dems./masc. criança
 ‘O menino se zangou comigo’

- O V S**
 17) ho-ra anani-vini ada jomahi
 me-obj. morder-trans. dems./masc. cachorro
 ‘O cachorro me mordeu’

Cumpre notar, todavia, que o objeto de 3^a também pode ocorrer com o sufixo *-ra*. Assim, a língua permite dois padrões de marcação de caso para o objeto de 3^a, conforme ilustram os exemplos a seguir:

- S V O**
 18) Maria- a bi-nofi-ki ida hado
 Maria-erg. 3^a sg.-querer-modo dems./fem. Faca
 ‘Maria quer a faca’

- O V S**
 19) hado-ra nofi-ki ida Maria
 Faca-obj. querer-modo dems./fem Maria
 ‘Maria quer a faca’

(ii) O sujeito transitivo ocupa posição inicial na oração, não tem marcação casual e não engatilha qualquer tipo de concordância verbal. Nessas estruturas, a ordem oracional é SOV:

- S O V**
 20) Banopa ísi ó-as a-ra anani-hi
 piranha pequena meu-dedo-obj. morder-modo/fem.
 ‘Uma piranha pequena mordeu o meu dedo’

- S O V**
 21) Maria ho-ra baranaha-i’-hi
 Maria me-obj. chamar-asp.-modo/fem.
 ‘Maria me chamou’

⁷ Note-se que o sufixo verbal *-vini* no exemplo (17) indica que a construção é transitiva. Já os sufixos *-ni/na* são empregados quando a construção é intransitiva.

Os morfemas de mudança de valência verbal

O Paumarí é uma língua rica em termos de morfologia verbal. Há um número significativo de afixos que, quando acrescentados aos predicados, alteram a sua estrutura argumental. Assim, mediante o acréscimo desses morfemas, qualquer verbo transitivo pode se intransitivizar e qualquer verbo intransitivo pode se tornar transitivo.

Em (22), o verbo “lavar” se torna intransitivo, através da afixação do morfema *-a* que tem a capacidade de suprimir o objeto da construção:

- 22) a. Mamai-a bi-soko-ki ida makari
 mamãe -erg. 3ª sg.-lavar-modo dems./fem. roupa
 ‘Mamãe lavou as roupas’
- b. Soko-a-ki ida mamai
 lavar-int.-modo dems./fem. mamãe
 ‘Mamãe lavou (int.)’

A função do causativo *na-* é introduzir um argumento externo - o agente - à construção. Tal morfema ocorre com quase todos os verbos intransitivos monomorfêmicos.

- 23) a. vithi-há ada isai
 sentar-modo/masc. dems./masc. criança
 ‘O menino sentou’
- b. o-na-vithi-há ada isai
 1ª sg.-caus.-sentar-modo/masc. dems./masc. criança
 ‘Eu sentei o menino’
- 24) a. voroni-’i-hi ida kidi-hado
 cair-asp.-modo/fem. dems./fem. dele-faca
 ‘A faca dele caiu’
- b. bi-na-voroni-ki ida hado
 3ª sg.-caus.-cair-modo dems./fem. faca
 ‘Ele derrubou a faca’

Existem vários morfemas que transitivizam (acrescentam argumentos) e intransitivizam a construção (suprimem o objeto), dentre eles estão os morfemas aplicativos que serão apresentados mais adiante.

Os morfemas categorizadores

Em Paumarí, a não especificação categorial das raízes lexicais é claramente observada. Uma mesma raiz pode ocorrer como nome ou como verbo transitivo ou intransitivo, dependendo dos morfemas funcionais com os quais co-ocorrem na sintaxe.

Note-se, por exemplo, que a raiz “faca”, ao se agregar ao morfema causativo, torna-se um verbo transitivo com o significado semelhante a “cortar”:

25) a. hado ‘faca’

b. i’ora-ra	na-hado-ha	ada	kodi-abi’i
tambaqui-obj.	caus.-faca-modo/masc.	dems./masc.	meu-pai
‘Meu pai cortou o tambaqui’			

As sentenças possessivas da língua são todas formadas pelo nome possuído agregado ao prefixo ka - que funciona como categorizador verbal:

26) o-ka-paha-ki ho
1sg.-ka-água-modo eu
‘Eu tenho água’

27) o-ka-abi’i-ki ho
1sg.-ka-pai-modo eu
‘Eu tenho pai’

Tais verbos, quando são sufixados com *-há*, transformam-se em transitivos com sujeito agente e objeto no papel de benefactivo:

28) i-ra o-ka-paha-há-ki
2ª sg.-obj. 1sg.-ka-água-ag-modo
‘Eu peguei água para você’

Passemos agora à apresentação das estruturas aplicativos da língua.

Os morfemas aplicativos

O Paumarí apresenta quatro tipos de morfemas aplicativos.

O aplicativo *ka-*

O prefixo *ka-*, ao se agregar a verbos intransitivos, licencia um objeto direto:

- 29) a. *o-asara-hi*
 1sg.-chorar-modo
 'Eu chorei'
- b. *o-ka-asara-há* *ada* *isai*
 1sg.-apl.-chorar-modo dems/masc. criança
 'Eu chorei (pel) o menino'
- 30) a. *ihamahi-hi* *ada* *isai*
 zangado-modo/masc. dems/masc. menino
 'O menino estava zangado'
- b. *ho-ra* *ka-ihamahi-há* *ada* *isai*
 me-obj. apl.-zangada-modo/m. dems./m. criança
 'O menino estava zangado(com)igo'

Nos casos acima, o morfema aplicativo parece licenciar um objeto no papel de fonte.

O aplicativo - '*a*

Existe um grupo de verbos intransitivos que se manifesta na forma N V/Aux.

- 31) *Bada* *o-ni-na*
 Trabalho 1sg.-aux.-int./masc.
 'Eu trabalho'
- 32) *Vara* *o-ni-na*
 Conversa 1sg.-aux.-int./masc
 'Eu converso'
- 33) *Mitha* *o-ni-na*
 Escuta 1sg.-aux.-int./masc
 'Eu escuto'

Nesse grupo de verbos estão ainda: boiar, excitar, partir, olhar e chupar, dentre outros.

Esses verbos intransitivos não ocorrem com o morfema causativo -*na*, podendo, porém, ter a eles afixado o morfema aplicativo -*'a* que licencia um objeto:

- 34) Okojoa-a bada bi-ni-*'a*-há ada abaisana
 Okojoa-erg. trabalho 3ª sg.-aux.-apl.-modo/masc. dems./masc. peixe
 'Okojoa trabalhou (n) o peixe'
- 35) Vara ho-ra ni-*'a*-hi ida kodi-isai
 Conversa me-obj. aux.-apl.-modo./fem. dems./fem. minha criança
 'A minha criança conversou comigo'
- 36) Mitha *'o*-ni-*'a*-hi ida saani
 Escuta 1sg.-aux.-apl.-modo./fem. dems./fem. barulho
 'Eu escutei o barulho'

O aplicativo *va-/vi-*

O morfema *va-/vi-* licencia objetos nos papéis de locativo, comitativo, instrumento, alvo, conforme ilustram os exemplos abaixo:

- 37) a. o-adara-hi
 1sg.-viajar-modo
 'Eu viajei'
- b. o-va-adaraha-há ida isai
 1sg.-apl.-viajar-modo/masc. dems. criança
 'Eu viajei com a criança'
- 38) a. bani-ki ida gamo Porto Velho-a
 sofrer-modo dems./fem. mulher Porto Velho-obl.
 'A mulher sofreu em Porto Velho'
- b. Gisi-a bi-va-bana-ki ida Porto Velho
 Gisi-erg. 3ª sg.-apl.-sofrer-modo dems./fem Porto Velho
 'Gisi sofreu(em) Porto Velho'
- 39) Kodi-adia-a bi-va-asara-hi ida kidi- isai
 Minha-irmã -erg. 3ª sg.-apl.chorar-modo/fem. dems./fem. sua-criança
 'Minha irmã chorou (com) sua criança'

Um verbo transitivo se intransitiviza para poder ocorrer com o aplicativo *vi/va-*. O exemplo abaixo ilustra a derivação desse tipo de construção aplicativa que licencia um objeto no papel de instrumento:

- 40) a. Mamai-a bi-soko-ki hida makari sabão-a
mamãe-erg. 3ª sg.-lavar-modo dems./fem. roupa sabão-obl.
'Mamãe lavou a roupa com sabão'
- b. soko-a-ki hida mamai sabão-a
lavar-int.-modo dems./fem. mamãe sabão-obl.
'Mamãe está lavando com sabão'
- c. Mamai-a bi-vi-soko-a-vini ida sabão
mamãe-erg. 3ª sg.-apl.-lavar-int.-tran. dems./fem. sabão
'Mamãe lavou (com) sabão'

O aplicativo *ka...-hi*

Para as estruturas transitivas ou transitivizadas, o morfema aplicativo empregado é o descontínuo *ka...-hi*, que introduz um objeto no papel de benefactivo. Comparem-se os exemplos (a) e (b) :

- 41) Maria ho-ra ko-soko-hi-vini hi-ki kodi makaria-a
Maria me-obj. apl.-lavar-apl.trans. aux-modo minha-roupa -obl.
'Maria lavou a minha roupa (para) mim'
- 42) a. Jomahi-a bi-khori-ki hida nami
cachorro-erg. 3ª sg.-cavar-modo dems./fem. solo
'O cachorro cavou o solo'
- b. ho-ra-ka-khori-hi-vini hi-ni ida nami
me-obj. **apl.**-cavar-**apl.**-trans. aux-fem. dems./fem.solo
'Ele cavou o solo para mim'
- 43) a. koko-a bi-rakhai-ki hida siroi
tio-erg. 3ª sg.-plantar-modo dems/fem campo
'Ttio plantou o campo'
- b. ho-ra ka-rakhaja-hi-vini hi-ni ida siroi
me-obj. **apl.**-plantar-**apl.**-trans. aux.-fem. dems./fem. campo
'Ele plantou o campo para mim'

Apresentados os quatro tipos de morfemas aplicativos do Paumari, passemos à discussão sobre o seu estatuto, à luz da tipologia de Pylkkänen (2000 e 2002).

Os tipos de morfemas aplicativos do Paumari

De acordo com a tipologia de Pylkkänen (2000 e 2002), o que diferencia os aplicativos altos dos aplicativos baixos é a possibilidade de

ocorrência dos primeiros com verbos inergativos, que não possuem argumentos internos. Já os aplicativos baixos só são licenciados em estruturas com argumentos internos.

O estágio do conhecimento que temos da língua Paumarí não nos permite ainda falar sobre classes verbais intransitivas. Podemos, contudo, sugerir, nesta etapa inicial de investigação da língua, que alguns tipos de verbos intransitivos podem ser considerados como intransitivos inergativos.

Vimos que, em Paumarí, existem dois tipos de verbos intransitivos, de acordo com a sua composição morfológica: os monomorfêmicos, como “chorar”, “zangar-se”, “viajar”; e os que aparecem na estrutura N V/Aux, como “trabalhar”, “conversar”, “ouvir”. Os do primeiro grupo podem ser causativizados/transitivizados com *na-*. Os do segundo grupo não admitem esse tipo de causativização.

Assumimos, então, como nossa hipótese inicial sobre as classes verbais do Paumarí, que os intransitivos compostos por N V/Aux são verbos sintaticamente inergativos⁸ pelas seguintes razões: (a) a restrição de ocorrência com o morfema causativo - introdutor de um argumento externo - pode indicar que nessas estruturas intransitivas já haja um argumento externo; e (b) em Basco, segundo Levin (1989), os verbos com a estrutura N V/Aux pertencem à classe dos inergativos:

Basco

44) lan egin ‘work’
work do

45) hitz egin ‘talk’
word do

A análise de Levin (1989) para o Basco pode ser associada à de Hale e Keyser (1993), segundo a qual os verbos intransitivos inergativos têm, em termos universais, uma estrutura composta por um nome e um verbo leve - N V. Em algumas línguas, o nome se incorpora ao verbo, que pode ser fonologicamente realizado ou abstrato, como em inglês e português. Nessas

⁸ Essa hipótese não descarta a inclusão dos verbos monomorfêmicos do Paumarí na classe dos intransitivos inergativos. Um estudo aprofundado sobre a causativização na língua pode ajudar na identificação das classes intransitivas.

línguas, só a forma nominal é fonologicamente expressa. Em outras línguas, como o Basco, não há incorporação nominal.

Adotamos, então, essa proposta de análise para a construção N V/ Aux do Paumari.

O aplicativo que ocorre com essa classe inergativa é - ‘*a* que pode, então, ser classificado como um aplicativo alto.

Os verbos intransitivos derivados dos transitivos, através da supressão do objeto, são também inergativos, uma vez que o seu único argumento é um sujeito agentivo. Como o morfema *va/vi-* pode ocorrer com tais verbos, ele também pode ser considerado do tipo aplicativo alto.

Como nenhum dos três morfemas aplicativos - ‘*a*, *ka-* e *vi/va-* pode ocorrer sozinho em estruturas transitivas, fica fácil perceber que são aplicativos altos que selecionam um evento (VP) e um sintagma nominal (o objetivo aplicativo), respectivamente, como complemento e como especificador.

É o estatuto do morfema descontínuo *ka...-hi*, introdutor de um objeto benefactivo nas construções bitransitivas que precisa ser investigado, à luz da classificação de Pylkkänen (2000 e 2002), uma vez que só é licenciado em contexto transitivo.

Como os aplicativos baixos colocam dois indivíduos (dois objetos) em uma relação de posse, fica fácil perceber na interpretação dos dados relacionados a essas estruturas bitransitivas que o morfema aplicativo descontínuo é do tipo alto. Em (46), não há uma transferência de posse entre o objeto direto e o aplicativo.:

- 46) Gisi ho-ra ka-jaha-hi-hi ida gora bodoni
 Gisi me-obj. apl.-bom/limpo-apl.-modo/fem. dems./fem. casa interior
 ‘Gisi limpou o interior da casa para mim’

Além da evidência semântica para a classificação do aplicativo descontínuo, existem ainda as evidências sintáticas, quais sejam:

(i) Objeto implícito: observamos que *ka...-hi* pode ocorrer sem o objeto direto representado. Tal possibilidade reforça a hipótese sobre o estatuto do morfema descontínuo como um aplicativo alto.

- 47) Sal v’o-ra ka-nakakoda-hi-ha-vini
 Sal 3ª pl.- apl.-ajudar-apl.-dir.-tran.
 ‘Sal os ajudou (a....)’

(ii) O estatuto sintático do objeto direto: vimos que, em estruturas com aplicativos baixos, o objeto direto deixa de ser sintaticamente ativo.

As evidências usadas na literatura são relacionadas à possibilidade de passivização dos objetos envolvidos na estrutura aplicativa bitransitiva. Como somente temos disponíveis dados secundários, não nos foi possível observar essa questão.

Uma outra evidência para a atividade sintática do objeto em Paumarí vem da manifestação de concordância de gênero entre o objeto e o sufixo de modo verbal. Na maioria das estruturas aplicativas bitransitivas, o sufixo de modo é a forma invariável *-ki*, que aparece no verbo auxiliar.

Existe, porém, uma outra evidência relacionada à forma do morfema de modo que pode ser usada para checar o estatuto sintático do objeto. Em Paumarí, quando o sujeito intransitivo ou o objeto são interrogados ou focalizados, a marca de sufixo verbal muda de *-bi/ha* para *-já/ra*, conforme indicam os exemplos a seguir⁹:

- 48) so'oro mani hida o-vi-kha-já
cesta foco dems./fem. 1sg.-apl.-vir-modo/fem.
'É cesta que eu trouxe.'

Note-se, em (48), que a anteposição do objeto com traços de gênero feminino engatilha a forma feminina de modo interrogativo/foco no verbo. Se o objeto tiver traços de gênero masculino, a forma do sufixo de modo é *-ra*, como mostra o exemplo abaixo:

- 49) abaisana mani hada o-ha-ra
peixe foco dems./masc. 1sg.-comer-modo/masc.
'É peixe que eu comi'

Esse mesmo padrão de concordância é verificado quando o objeto direto da estrutura aplicativa bitransitiva é focalizado.¹⁰

- 50) ihai hida i-ra o-ka-vi-kha-# vini hi-já
remédio dems./fem.2ª-obj. 1ª sg.-apl.-apl.-vir-apl.-tran. aux.-modo/fem.
'Foi remédio que eu trouxe para você'

⁹ O demonstrativo aparece posposto ao nome em estruturas interrogativas e focalizadas.

¹⁰ A partícula *mani* é opcional tanto nas estruturas interrogativas quanto nas de foco, segundo Chapman (1981). O que caracteriza a construção como focalizada é a anteposição do sujeito intransitivo ou do objeto direto e troca do sufixo de modo.

Em (50), o objeto direto foi focalizado encadeando uma mudança na forma e no gênero do sufixo de modo do verbo auxiliar. Embora o sufixo *-hi* não esteja expresso na construção, assumimos, juntamente com Chapman (1978), que ele esteja presente em termos abstratos, uma vez que *ka-* sozinho não co-ocorre com o aplicativo *va/vi-*. Como *va/vi-* é restrito a estruturas intransitivas, na derivação de (50), ele se afixa primeiro ao verbo intransitivo "vir", transitivizando a construção ao licenciar o objeto "remédio". Depois, essa estrutura se junta ao aplicativo descontínuo, que introduz um outro objeto no papel de benefactivo. Como *ka-...-hi* se agrega a uma estrutura com aplicativo alto (*va/vi*), ele deve ter também o estatuto de aplicativo alto que seleciona como complemento o VP (contendo *va/vi-*) e um DP no papel de benefactivo.

Pelo acima exposto, podemos concluir que os morfemas do Paumarí aqui apresentados são todos do tipo alto, de acordo com a tipologia dos aplicativos.

Conclusão

Através deste esboço inicial sobre os núcleos aplicativos do Paumarí, pudemos não só reorganizar os dados referentes a essas construções de uma maneira mais clara, mas também observar questões que precisam urgentemente ser investigadas para que se possa compreender a natureza e a função dos núcleos funcionais da língua e das estruturas aplicativos. Dentre essas questões, podemos destacar: as classes verbais intransitivas, o estatuto do morfema causativo e sua relação com os outros morfemas de mudança de valência e a possibilidade de co-ocorrência entre os morfemas aplicativos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHAPMAN, S. **Paumarí derivational affixes**. Brasília: SIL, ms., 1978.
- CHAPMAN, S. **Gramática Pedagógica do Paumarí**. Brasília: SIL, ms., 1981.
- CHAPMAN, S; DERBYSHIRE, D.C. Paumarí. In: DERBYSHIRE, D.C ; PULLUM, G. K. (eds.). **Handbook of Amazonian languages**. Berlin: Mouton de Gruyter, p. 161-352, 1991.
- HALE, K.; KEYSER, S. On the Argument Structure and the Lexical Representation of Syntactic Relations. In: KEYSER, S. J.; HALE, K. (ed.) **View from Building 20**. Cambridge: MIT Press, p. 53-190, 1993.
- HARLEY, H.; NOYER, R. Distributed Morphology. **Glott International**, Berlin, v.4, n.4, p. 3-9, 1999.
- HARLEY, H.; NOYER, R. Formal versus Encyclopedic Properties of Vocabulary: Evidence from Nominalizations. In: PETERS, B. (Ed.). **The lexicon-Encyclopedia Interface**. Oxford: Elsevier Science, p. 349-374, 2000.
- LEMLE, M. Mudança sintática e sufixos latinos. **Linguística**, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p. 5-44, 2005.
- LEVIN, B. The Basque verbal inventory and configurationality. In: MARÁ CZ, L.; MUYSKEN, P. (eds.). **Configurationality: the typology of asymmetries**. Dordrecht: Foris, p. 39-62, 1989.
- MARANTZ, A. **“Cat” as a phrasal idiom**. MIT, ms., 1996.
- MC GINNIS, M. Phases and the syntax of applicatives. **NELS**, Massachusetts, v. 31, p. 333-349 2001.
- MC GINNIS; M. UTAH at merge: evidence from multiple applicatives. **MITWPL**, Cambridge, n.49, p.185-200, 2005.
- PYLKKÄNEN, L. What applicative heads apply to. **Working Papers in Linguistics**, Pensilvania, v.64, [s.p.] 2000.
- PYLKKANEN, L. **Introducing Arguments**. 2002. 72f Tese (PhD em Linguística.) – Departamento de Linguística e Filosofia do Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, 2002.

Recebido em julho de 2006.

Aprovado para publicação em novembro de 2006.

Publicado em dezembro de 2006.

SOBRE A AUTORA

Marcia Maria Damaso Vieira é mestre em Lingüística pela University of Southern California e doutora em Lingüística pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp e pela University of Arizona. É professora adjunto da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde atua na graduação e no Programa de Pós-Graduação em Lingüística; pesquisadora do grupo de pesquisa *Seminário de Gramática Gerativa* (CNPq/UFRJ); autora de artigos publicados em revistas especializadas e em anais de evento; autora de capítulos de livro.

Temas de pesquisa: línguas indígenas, sintaxe gerativa, pronomes argumentais, adjuntos.

E-mail: damaso@mn.ufrj.br